



A LINGUÍSTICA DE CORPUS E A SEMÂNTICA DE CONTEXTOS E CENÁRIOS COMO FERRAMENTAS PARA O ESTUDO DE REALIZAÇÕES LINGUÍSTICAS INTERÉTNICAS E INTERCULTURAIS

Celso Ferrarezi Jr.¹

RESUMO

A Linguística de Corpus, em certo aspecto, pode ser vista como uma metodologia quantitativa de estudos linguísticos que se utiliza de recursos eletrônicos para construção de corpora e para o acesso a dados linguísticos autênticos de fala e de escrita. A Semântica de Contextos e Cenários é uma teoria semântica de cunho cultural cuja principal premissa se fundamenta na ideia de que o linguístico apenas significa plenamente quando inserido no extralinguístico. O presente artigo analisa a possibilidade de cooperação entre essas duas vertentes de estudo, sustentando que haveria ganho descritivo para ambas se fossem adotados procedimentos confluentes que levassem em conta o evento e o cenário envolvidos em cada enunciação, especialmente em estudos de interações interétnicas e interculturais.

Palavras-chaves: Linguística de Corpus. Semântica de Contextos e Cenários. Evento. Cenário. Especialização de sentidos.

ABSTRACT

Corpus Linguistics, in a certain way, can be understood as a quantitative methodology of linguistic studies that uses electronic resources for the construction of corpora and for access to authentically-occurring linguistic data, both spoken and written. Semantics of Contexts and Sceneries is a semantic theory of cultural basis whose main premise is based on the idea that the language only means fully when inserted into the extra-linguistic. The present article analyzes the possibility of cooperation between these two strands of linguistic study, arguing that there would be a descriptive gain for both if confluent procedures were adopted that took into account the event and scenery involved in each enunciation, especially in studies of interethnic and intercultural interactions.

Key words: Corpus Linguistics. Semantics of Contexts and Sceneries. Event. Scenery. Specialization of the senses.

1 INTRODUÇÃO

¹ Professor Titular de Semântica do Instituto de Ciências Humanas de Letras (ICHL) da Universidade Federal de Alfenas - UNIFAL-MG. Líder do Grupo de Pesquisas Linguísticas Descritivas, Teóricas e Aplicadas (GPLin). celso.ferrarezi@unifal-mg.edu.br .



O presente trabalho tem por objetivo propor uma aproximação entre Linguística de Corpus - LC e a Semântica de Contextos e Cenários - SCC, demonstrando de que forma esta pode contribuir com aquela para a compreensão da dimensão linguística de um evento e, assim, auxiliando na compreensão e nos estudos de interações linguísticas interétnicas e interculturais.

Entendida como metodologia de estudo quantitativo da língua em uso com a utilização de recursos eletrônico-computacionais, seja da língua escrita seja a língua falada, a Linguística de Corpus se constitui como uma das mais eficientes ferramentas de base para a pesquisa linguística, proporcionando um tipo de organização específica para cada objetivo de pesquisa linguística, com catalogação acurada de dados e acesso organizado e rápido ao conteúdo do corpus, o que não era possível antes do advento dos meios computacionais de que hoje dispomos. Com uma bibliografia farta e atualizada, a LC não demandará, aqui, mais do que uma sucinta apresentação, haja vista que suas características conceituais e metodológicas já estão muito bem contempladas nas referências aqui citadas.

Por sua vez, a SCC, teoria que aborda a importância da dimensão cultural na construção de significados e na sua manifestação linguística na forma de sentidos, propõe que o processo de especialização dos sentidos em qualquer ato linguístico somente se estabelece a partir de uma leitura cenarial realizada pelos interlocutores, de forma que a dimensão linguística não apenas está *relacionada* à, mas é dependente da dimensão extralinguística para sua eficácia comunicativa. Compreender isso é especialmente importante quando estudamos interações linguísticas entre pessoas de diferentes comunidades de fala.

O trabalho apresenta uma primeira parte em que as teorias são referenciadas, que é seguida de uma discussão sobre a noção de *evento*, sua relação com o *cenário* e sua importância para o estudo da língua em uso. É concluído sob a perspectivas das interações linguísticas interétnicas e interculturais.

As conclusões teóricas reforçam a concepção da SCC de que o ato linguístico se realiza plenamente apenas quando relacionado a um cenário construído a partir da leitura de um evento, ou seja, de que o linguístico se plenifica no extralinguístico, assim como reforça a ideia de que a separação entre a dimensão semântica e a dimensão



pragmática da língua é mais tênue do que costumeiramente os estudiosos da área defendem.

2 A LINGUÍSTICA DE CORPUS - LC

Segundo Renouf (2006, p. 01), não é apropriado definir a Linguística de Corpus apenas como uma disciplina independente *stricto sensu*. Para a autora,

It is more difficult to assign the status of discipline to corpus linguistics. Corpus linguistics does have a defined object of study, in that it requires language to be incarnate, in the form of text, and confines itself to a specified written or spoken text corpus to which it attributes theoretical validity. Like the above disciplines, it tends to accept the theoretical notion and physical reality of basic units of text such as phoneme and syntagm, as well as sub-words, words and phrases, and indeed its bread and butter involves the scrutiny of such units. It has a terminology and, let us say, an optional battery of methodological routines and strategies; it often applies quantitative measures. But it remains a paradox within the panoply of science, an amalgam of great precision and best endeavours; a somewhat undisciplined discipline. Yet as a branch of empirical study, this is ultimately its purpose, for empiricism precludes any a-priori assumptions.

Da mesma forma, definir a Linguística de Corpus somente como uma “ortodoxia metodológica” pode levar a mal-entendidos. A complexidade própria da Linguística de Corpus parece algo mais amplo a circunscrever. Sobre isso, Renouf (idem, p. 3.), nos adverte que:

It is often claimed that corpus linguistics is a methodology. At a trivial level, it is true that it routinely involves the observation of an object of study, a word or phrase, which is typically presented in the form of KWIC (keyword in context) concordance lines, and this presentation inclines the researcher to scan the item serially within an ordered, usually alphabetical context. Even at this level, however, many other presentational formats are also possible, involving layouts not scannable in the same way. Corpus linguistics is silent on the mechanics of study: whether the eye may travel back up the page, having scanned down, and so on. Corpus linguistics also has no specified convention for matching a hypothesis against textual reality, or vice versa, or even a requirement for an articulated hypothesis at all. Corpus linguistics furthermore does not espouse particular statistical methods, or demand statistical rigour, even though some' statistical measures (e. g. relative frequency, chi-square) are commonly applied. In short, corpus linguistics is a tool in the gift of the user, not a methodological orthodoxy.



De qualquer forma, seja definida como uma metodologia ou como uma ferramenta, a Linguística de Corpus, em sua fase chamada “moderna”, proporciona a criação de corpora linguísticos informatizados adequados à maioria dos objetivos dos estudos linguísticos existentes. O estágio atual de desenvolvimento da Linguística de Corpus permite, assim, que um corpus linguístico seja criado em função do(s) tipo(s) de estudo(s) a que ele será submetido (por exemplo, estudos fonológicos, morfológicos, sintáticos etc.).

Historicamente falando, embora houvesse compilações linguísticas escritas, constituindo corpora linguísticos rudimentares, desde a antiguidade (como, por exemplo, o *Appendix Probi*), podemos afirmar que o primeiro corpus linguístico eletrônico baseado em textos escritos de que se tem notícia, o Corpus Brown (Brown University Standard Corpus of Present-Day American English), foi lançado em 1964, inaugurando a chamada “fase moderna” da Linguística de Corpus. Já o primeiro corpus linguístico eletrônico baseado em língua falada foi lançado em 1971 pelo Montreal French Project, contendo cerca de um milhão de palavras (cf. Sankof & Sankof, 1973). Também podem ser citados exemplos de corpora linguísticos baseados em línguas antigas, como o Andersen-Forbes, um corpus do hebreu bíblico, desenvolvido a partir da década de 70 (cf. Andersen & Forbes, 1987).

O corpus Brown, porém, tem uma importância singular no desenvolvimento da Linguística moderna. Já naquela época e a despeito das dificuldades imensas que a criação de um banco de dados como esse exigia nos primórdios da história da computação eletrônica, o Corpus Brown continha cerca de um milhão de palavras. Mais do que isso, esse corpus nasceu em uma época em que os olhos da pesquisa linguística se voltavam para Noam Chomsky e os conceitos que, então, revolucionavam a visão da linguagem como objeto de estudo. Para Chomsky, o interesse da Linguística deveria se voltar para a competência e não para o desempenho do falante. Coletar corpora enormes e trabalhosos com dados de terceiros era, portanto, algo questionável em seu valor para os estudos da linguagem. Esse Corpus foi, assim, não apenas um feito científico histórico, mas atuou como um “contrapeso” no desenvolvimento da Linguística moderna. Hoje, a Linguística de Corpus é uma das mais densas e profícuas áreas de atuação de linguistas



e têm fornecido meios para a descoberta de aspectos antes inimagináveis das línguas naturais.

Sardinha (2000, p. 325) explica que:

A Linguística de Corpus ocupa-se da coleta e exploração de corpora, ou conjuntos de dados linguísticos textuais que foram coletados criteriosamente com o propósito de servirem para a pesquisa de uma língua ou variedade linguística. Como tal, dedica-se à exploração da linguagem através de evidências empíricas, extraídas por meio de computador.

Essa vinculação instrumental da Linguística de Corpus com os meios eletrônico-computacionais define grande parte de seus princípios atuacionais e define, também, em grande medida, sua natureza mais própria. Seu caráter empírico se vincula às propriedades inerentes dos dados que são avaliados, exigindo-se destes autenticidade, seja na fala, seja na escrita.

Sobre a construção de corpora linguísticos, ainda podemos notar que parece haver uma relação inversamente proporcional entre a amplitude dos aspectos considerados em um corpus linguístico e a facilidade de sua construção. Assim, quanto maior o conjunto de aspectos de análise considerados, mais complexa e difícil será a construção de um corpus eletrônico adequado. Da mesma forma, parece haver uma menor dificuldade prática na construção de corpora baseados em dados escritos do que na construção de corpora baseados em dados de fala espontânea. Por exemplo, construir um corpus puramente lexical com palavras presentes na Internet em que aparece o morfema português *cas-* (como *casa*, *casarão* e *casebre*, por exemplo) é muito mais simples e rápido do que construir um corpus que considere diferentes aspectos pragmáticos de produções de fala espontânea. Assim, fica claro que os desafios de construção de um corpus linguístico adequado a um tipo específico de estudo são muito variados e precisam ser enfrentados justamente em função dos objetivos, propriedades dos dados exigidos para sua consecução e amplitude do estudo que se deseja realizar com esse corpus.

Como exemplo de vencer os desafios metodológicos da construção de um corpus que atenda a uma demanda analítica específica podemos citar os trabalhos de



Emanuela Cresti e equipe², que constituem o grupo LABLITA da Università degli Studi di Firenze. Nesses trabalhos se privilegia a fala humana espontânea como objeto de estudo, com a utilização dos últimos avanços tecnológicos na captura e análise acústica da fala humana, com forte interesse nos aspectos pragmáticos da fala. São trabalhos que apresentam primorosa metodologia de registro e de análise de ocorrências linguísticas, metodologia esta já desenvolvida e consolidada. Os resultados já obtidos pelo enorme esforço de décadas de pesquisa linguística desenvolvida pelos grupos de estudo que adotam essa visão conhecida como “Teoria da Língua em Ato” (Language into Act Theory - L-Act: CRESTI (2000), RASO (2012, 2014), MONEGLIA (2011)) tem representado significativo avanço na compreensão das línguas naturais e da própria comunicação humana. Não caberia, aqui, uma descrição pormenorizada dessa metodologia, farta e didaticamente apresentada em trabalhos como Mello e Raso (2012), Mello (2014) e Rocha (2016).

No Brasil, a LC conta com expressivo trabalho de um grupo de pesquisas do Laboratório de Estudos Empíricos e Experimentais da Linguagem - LEEL, vinculado à Universidade Federal de Minas Gerais, que desenvolve o projeto C-ORAL-BRASIL, o qual já disponibiliza importante banco de dados sistematizados de fala espontânea e de publicações que podem ser acessados³ por estudiosos de todo o mundo para pesquisas com o PB ou comparadas entre diversas línguas.

Também, podem ser citados grupos de pesquisa como o NILC, o GELC e o COMET, localizados no Estado de São Paulo, que, segundo Mello (2012), “têm sido pioneiros na compilação de corpora de grande importância para a Linguística de Corpus brasileira”. Outro projeto de grande relevância no conjunto dos corpora já compilados no Brasil é o NURC, projeto surgido em 1969 durante o Instituto Interamericano de Linguística, que ocorreu em São Paulo. Em seu início, o Projeto NURC abrangeu coordenações regionais em Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre com o objetivo da criação de um extenso banco de dados da fala urbana culta das principais cidades brasileiras.

² Um conjunto significativo de trabalhos realizados por Cresti, Moneglia e demais estudiosos do italiano falado, bem como um farto banco de dados sistematizados, podem ser acessados na página do Laboratório LABLITA no endereço <http://lablita.dit.unifi.it>.

³ Um conjunto significativo de informações sobre o projeto C-ORAL-BRASIL, publicações e o próprio banco de dados sistematizados podem ser acessados no endereço eletrônico www.c-oral-brasil.org.



Infelizmente, porém, não temos bancos de dados - dessa natureza e com essa acurácia - das línguas indígenas brasileiras, dos falares regionais brasileiros e dos falares de fronteira. O estudo dessas manifestações linguísticas, portanto, fica, em certa medida, prejudicado se o comparamos às pesquisas que contam com bancos de dados produzidos com a metodologia da L-Act, pois os dados conseguidos por esta são mais fiéis à fala real dos comunicantes, mais detalhados e mais acessíveis.

3 A PRAGMÁTICA NA INTERPRETAÇÃO DO ENUNCIADO

Segundo Rocha (op.cit.), na L-Act, se “define o *enunciado* como a menor sequência linguística dotada de interpretabilidade pragmática e prosódica, identificável por meio de quebras prosódicas terminais.” (p. 6). Assim, enunciado seria a unidade linguística mínima para estudo na fala espontânea, uma vez que suficiente em ambiente comunicativo.

O enunciado realiza a *ilocução*, que é vista como “a ação verbal realizada pelo falante sobre o seu interlocutor por meio de um enunciado”. (ROCHA, idem, p. 6). Assim, “para que um enunciado realize uma ilocução, deve apresentar um conjunto de propriedades prosódicas associadas a ela, chamado *forma prosódica ilocucionária*.”

As ilocuções, por sua vez, são realizadas com diferentes atitudes por parte dos falantes. “A *atitude* é definida como a maneira pela qual a ilocução é realizada (irritada, cortês, sedutora, autoritária), expressa prosodicamente em toda a unidade tonal.” (ROCHA, ib., p.6).

Porém, a compreensão da ilocução, segundo o mesmo autor (ib., p. 214), depende de fatores cognitivos-pragmáticos que compõem aquilo que, em Rocha (ib.), é tratado como parte da situação contextual em que se dá a enunciação, chegando-se ao ponto de uma ilocução prototípica ser “acomodada” pelo interlocutor como outra ilocução em caso de um ambiente que aponte muito fortemente para a realização de ilocução diferente da esperada. Vejamos:

A nosso ver, ocorre que, em face de evidências contextuais que apontem de maneira muito forte para uma ilocução específica, o falante pode ser capaz de interpretar o perfil prosódico que ouve como sendo o perfil prosódico esperado por ele para aquela situação. Esse processo, que parece ocorrer inconscientemente,



seria, de alguma maneira, análogo à acomodação fonética/semântica que é feita quando um indivíduo pensa ter ouvido uma palavra enquanto, na verdade, o interlocutor disse outra palavra com significado diferente do esperado.

Diante dessa afirmação, colocam-se duas questões pertinentes a este artigo:

- a. Em que limites essa acomodação ocorre?
- b. Como determinar os elementos cognitivo-pragmáticos interferentes nesse processo de acomodação?

À primeira pergunta, Rocha (ib., p. 214), responde afirmando que,

Se, por um lado, sustentamos a hipótese da acomodação do perfil prosódico ao contexto comunicativo para explicar o resultado do experimento anterior, por outro, devemos reconhecer o nosso limite em não saber dizer como se dá esse processo, nem mesmo quais perfis prosódicos são passíveis de ser interpretados como o perfil de outra ilocução.

Em relação a isso, cremos que os estudos já realizados realmente ainda são insuficientes para uma definição cabal da questão, mas há *insights* interessantes sobre a questão e sobre os quais trataremos no subtítulo 3.

A respeito da segunda questão e a despeito dos avanços alcançados por estudiosos como Moneglia (2011) e Rocha (ib.) é que pensamos haver uma forte possibilidade de cooperação da SCC para com a LC. Conheçamos brevemente os pressupostos da SCC, então, para passar a uma discussão mais pormenorizada sobre essa questão *b* acima exposta.

4 A SEMÂNTICA DE CONTEXTOS E CENÁRIOS

A Semântica de Contextos e Cenários – SCC é uma teoria semântica brasileira (considerada uma das quatro teorias linguísticas gestadas e consolidadas no país⁴), cuja obra de fundação é “Introdução à Semântica de Contextos e Cenários: de la langue à la vie”, publicada em 2010, pela editora Mercado de Letras. Essa teoria embasa um conjunto significativo de outras obras⁵. Sua aceitação na academia tem sido crescente e um bom

⁴ Cf. MÓDULO, M. & BRAGA, H. *Uma teoria brasileira do idioma*. In.: Revista da Língua Portuguesa, abril de 2012.

⁵ Dentre as quais se destaca a “Semântica para a Educação Básica”, adotada pelo Ministério da Educação e distribuída às escolas básicas públicas brasileiras por meio do PNBE (Programa Nacional Biblioteca da Escola).



número de dissertações de mestrado e teses doutorais, tanto no Brasil como no exterior, tem sido realizado fazendo referência a seus pressupostos⁶.

Como afirmamos em relação à LC, aqui também não cabe fazer uma revisão teórica profunda da SCC. Isso pede a leitura, em vídeos ou gravações de áudio em que o cenário é subespecificado, ou seja, em recortes de realidade sobre os quais as pessoas têm nenhuma ou quase nenhuma informação sobre os elementos que constituem aquele evento, quem assiste ou ouve o material precisa criar um cenário “a seu gosto” para que aquelas falas/ encenações se tornem semântico-pragmaticamente funcionais. Isso ocorre igualmente no processo de leitura.

Todo ato linguístico real, assim, independentemente da forma como ele possa ser concebido teoricamente, será uma parte constituinte de um evento e, como tal, estará diretamente relacionado aos demais elementos que constituam esse mesmo evento - e, ocasionalmente, de outros eventos que precisem ser recuperados pela memória dos interlocutores - e, por isso mesmo, somente poderá ser compreendido e estudado em sua integralidade se relacionado a esses demais elementos. Desprezar os demais elementos do evento implica impedir que os interlocutores formem um cenário adequado para a compreensão do que, em última instância, está ocorrendo e, assim, a compreensão do ato linguístico estará sendo artificializada. de seu livro de fundação já citado. A partir de agora, portanto, vamos tratar de como os pressupostos básicos dessa teoria resultam em preocupações e diretrizes a ser observadas por quem se coloque a pesquisar fundamentado nela.

Como em toda teoria linguística, a SCC parte de um conceito de língua natural que dá o norte a seus estudos e metodologia. Neste caso, uma língua natural é vista como *um sistema socializado e culturalmente determinado de representação de mundos e seus eventos*. Esse conceito de língua abrange os mais diversos aspectos próprios desse objeto, à exceção dos aspectos gerativos ligados à cognição humana que, nessa vertente de estudos, são considerados não pertencentes ao conjunto de objetos que, à Linguística,

⁶ São exemplos disso: OCAMPO, F. F. *Os sentidos da escola: o processo de resignificação e a aprendizagem em ambiente escolar*. Dissertação (Mestrado em Letras). UNIR: Porto Velho, 2011. e BACELAR, L. N. *Gramática da Língua Kanoê*. Tese (Doutorado em Linguística). Radboud University Nijmegen: Nijmegen, Holanda, 2004.



competiria estudar. Cada um desses aspectos direciona uma dimensão dos estudos realizados pela ótica da SCC.

Entendida dessa forma, uma língua natural abrange mais do que a mera estrutura de um sistema que “herdamos de gerações anteriores”. Muito mais do que isso, ela se constitui, se constrói, funciona e interfere em nossa própria visão do mundo na medida em que precisamos representar com ela as coisas que nos cercam, ou seja, os nossos mundos (tanto aquele em que vivemos - da forma que o vemos - como aqueles que podemos imaginar). E, por isso, uma língua precisa ser entendida como um *sistema aberto*, que se alimenta e se retroalimenta da própria relação do homem com esses mesmos mundos.

Dizer isso implica dizer que *a língua é formatada pela cultura na medida em que a cultura exige da língua formas de expressão adequadas para todas as situações imagináveis*. Mas, deve-se notar que a língua também é uma construção humana e, por isso, faz parte da cultura. Só que, ao mesmo tempo em que faz parte de uma cultura, a língua ajuda a construí-la. Trata-se de uma relação indissociável em três níveis (no mínimo), uma *interinfluência*: nosso pensamento, nossa cultura já estabelecida e a língua que falamos, em que todos os elementos influenciam e alimentam os demais enquanto se retroalimentam.

Cabe aqui, diante do que afirmamos no parágrafo anterior, ressaltar que a Linguística de Corpus (em estudos como os de Rocha (2016), que aqui citamos) ainda se circunscreve à dimensão linguística do processo comunicativo, concebendo a língua em sua integridade, mas circunscrita a sua própria dimensão e características. A construção de sentidos, segundo a SCC, porém, vai além disso, avançando sobre aspectos extralinguísticos que não são contemplados, por exemplo, em Rocha (2016) nem na metodologia LABLITA (e que veremos adiante), de maneira que se constituem objetivos diferentes em cada uma dessas abordagens. Não podemos dizer que são abordagens excludentes: apenas são abordagens diferentes com objetivos distintos.

Retomando a concepção de língua quando entendida pelo prisma da SCC, vemos que ela se permite a ser estudada em diferentes dimensões, em um estudo mais complexo e minucioso. As principais são:



a. **análise dos aspectos sistêmicos da estrutura linguística e sua relação com os sentidos: a estrutura gramatical, a hierarquia dos traços de sentido gramaticalizados e os efeitos de ordem e de melodia** – nesse passo, pretendemos dar conta de aspectos de base gramatical da língua. Podemos partir do que sabemos da gramática da língua e averiguar se, de alguma forma, podemos relacionar essa gramática que conhecemos com aspectos culturais de qualquer ordem;

b. **análise dos sentidos especializados atribuídos ao léxico, análise das construções figurativas e da constituição de sentidos individuais, tendo como referência os sentidos costumeiros** – aqui, uma vez definidas as questões de base gramatical, podemos passar às formas específicas de especialização de sentidos no âmbito da comunidade de fala, verificando se há algum traço marcante e coletivo que mereça relevo ou se está acontecendo uma variação na atribuição de sentidos, como uma forma figurativa ou mesmo alguma idiosincrasia do falante;

c. **análise dos aspectos discursivos e elocutivos (contexto e cenário)** – uma vez que tivermos domínio das questões anteriores, podemos partir para a elocução em si, para o ato que permitiu atribuir um sentido específico à palavra ou expressão em análise, buscando informações contextuais (no âmbito linguístico) e cenarais (no âmbito extralinguístico) que possam justificar a atribuição de sentidos realizada;

d. **reconstrução do “sentido imagem” do objeto analisado (na medida do possível) em padrão costumeiro** – a essa altura da análise já deveremos ter definido quais os fatores que levaram a palavra ou expressão ser vinculada ao sentido que recebeu. É hora de verificar se isso é um padrão coletivo ou individual, se foi ocasional e, se o foi, por que isso aconteceu. É hora de definir um “sentido imagem”, ou seja, uma descrição dos elementos sêmicos que constituíram o sentido utilizado e verificar se isso pode, de alguma forma, ser relacionado a padrões costumeiros da língua ou se foi uma construção original e individualizada;

e. **análise dos aspectos sistêmicos dos procedimentos de especialização dos sentidos no caso específico (a pragmática do fato linguístico)** – com os elementos anteriores elucidados, podemos verificar se a forma que estamos analisando é



um procedimento repetível, se é sistemático, se funcionaria pragmaticamente em qualquer situação semelhante ou em quais outras situações funcionaria. É nesta fase que a SCC mais se aproxima da Pragmática, propondo-se uma verdadeira análise semântico-pragmática dos fatos linguísticos, o que passa a ser a prática comum do estudioso que toma por base a SCC;

f. análise das implicações ideológicas e valorativas do procedimento de construção do texto e atribuição dos sentidos – finalmente, chega-se à parte final, em que se pode definir, com base nos elementos anteriormente analisados, se o fato estudado tem implicações de caráter ideológico referentes aos valores da cultura em que a língua estudada funciona (éticos, morais, políticos, religiosos, filosóficos etc.) e como essas implicações são alcançadas, ou seja, verificar se o procedimento para construção de sentidos com implicações tais pode ser repetido em outras situações sociais e como isso pode ou deve ocorrer.

É claro que um pesquisador pode se concentrar em apenas uma das dimensões acima, detendo-se em apenas um dos aspectos, ou ir adiante em dois, três ou mesmo em todos. Todos os procedimentos realizados no âmbito da pesquisa com a SCC, obviamente, são realizados levando-se em conta toda a complexa construção cultural de que o falante participa, toda a complexidade que envolve o fazer linguístico em nosso dia-a-dia. Certamente, isso deve ser cuidadosamente considerado quando procedemos a um estudo linguístico de realizações interétnicas e interculturais pois, nesses casos, há sempre mais de um padrão de referência em questão. Isso torna os estudos baseados na SCC, ao mesmo tempo, fascinantes e incrivelmente complexos e árduos. Muitas vezes, a complexidade que a abordagem exige demanda um tempo enorme de estudos para a consecução de uma única resposta. Mas, essa resposta virá balizada por um conjunto de elementos muito mais envolventes do fato linguístico, muito mais elucidativos do que apenas uma análise gramatical, lógica ou fragmentada de uma palavra ou expressão qualquer.

Uma vez que estamos, portanto, sucintamente localizados em relação à SCC, podemos passar à compreensão de como seus princípios epistemológicos criam decorrências metodológicas naturais em sua aplicação e que precisam ser estritamente respeitadas se queremos garantir o valor científico das conclusões a que chegarmos.



4.1 Princípios e decorrências

A SCC estabelece, como máxima, que os sentidos de um sinal linguisticamente considerado apenas se especializam em um contexto e que os sentidos contextuais se especializam apenas em cenários possíveis (reais ou imaginários) de enunciação. Trata-se do Princípio da Especialização dos Sentidos – PES, descrito em Ferrarezi Jr. (2010, p. 113):

“Especialização de sentido é a definição exata do sentido (e do sentido_i) associado a um sinal-palavra em uso. Ou seja: um sinal-palavra x, em um contexto y e em um cenário w, devidamente identificados e definidos, estará associado e um e apenas um sentido s e, portanto, servirá para representar uma e apenas uma visão de referência v, e não outra, em um mundo m.”

Adotar essa máxima cria a necessidade:

- a. de compreensão das dimensões linguística (do *sinal* tomado linguisticamente e do *contexto*) e extralinguística (do *cenário*) que estão envolvidas em cada enunciação e;
- b. da interseção dessas dimensões para a elucidação das formas de especialização dos sentidos dos sinais (o nível de sinalidade em português brasileiro é, principalmente, constituído pela *palavra* - entendida agora como unidade mórfica - acrescida de o que a acompanha – melodias, gestos, ordem de composição sintática etc.).

Vale retomar, aqui, antes de mais considerações, os três conceitos básicos envolvidos nesse princípio geral: *sinal*, *contexto* e *cenário*.

O sinal, como dito acima, é considerado como sendo *qualquer elemento significativo por meio do qual expressamos um sentido e designamos uma referência. É mais do que a palavra, mas é também a palavra. Inclui todos os recursos linguísticos disponíveis associados à palavra, bem como melodias e elementos não verbais pertinentes.*

O contexto, enquanto dimensão linguística da enunciação, é



[...] como o nome sugere, o que vem antes e depois da palavra, o restante do texto, o texto que precede e sucede o próprio texto, o texto que se junta e que referencia o texto, num entrelaçar de palavras em textos que acabam formando o complexíssimo conjunto de sinais interligados que procuramos entender quando nos comunicamos. (Ferrarezi Jr., idem, p.116-117)

Por sua vez, considera-se o cenário como sendo

[...] além de um conjunto de conhecimentos culturais e de um processo de atribuição de sentidos progressivos em um roteiro cultural [...] todos os fatores relevantes do ponto de vista dos interlocutores para a especialização dos sentidos dos sinais. Esses fatores incluem todo o complexo conjunto situacional que envolve a enunciação, desde as roupas de quem enuncia (isso é relevante, por exemplo, num ato de pedido de namoro) até elementos fortuitos que se relacionem de qualquer forma ao que se enunciou (como um avião que passa por sobre os falantes na hora da enunciação, se, de qualquer forma, esse fato interferir no processo de especialização do sentido). (ib., p.116-117)

É importantíssimo ressaltar, porém, que o cenário não é uma composição material, concreta, mas uma composição mental, criada a partir do evento segundo a *visão de mundo* de cada falante. O cenário não é um conjunto que o falante “percebe” sensorialmente, mas um conjunto que ele constrói *segundo a forma como ele percebe o mundo*. É dentro desse cenário montado por cada falante que a dimensão linguística adquire sentido pleno, que a língua se integraliza. Portanto, todo pesquisador envolvido com a SCC deve ter disposição para lidar com essas duas dimensões (linguística e extralinguística) em cada análise realizada.

Nesse ponto, é importante frisar que o fato de se levar em consideração os aspectos mais amplos relativos aos cenários de enunciação e todas as informações de ordem cultural, histórica e cenarial imediata (circunstanciais da enunciação específica segundo a *visão de mundo* do falante) mobilizam a SCC em busca de sentidos outros que não apenas os sentidos referenciais, que apontam para uma “extensão de significado” nos moldes clássicos de a Semântica Formal, ou para condições de verdade, como proposto por semânticas verificacionais.

Quando se aplicam os pressupostos e os métodos da SCC, importam os valores e aspectos mais amplos da cultura, as “sensações de sentido” (como *certo, errado, adequado, inadequado, bom, ruim, engraçado, triste* etc.), os valores morais, éticos e outros de natureza ideológica que interferem em nossa *visão do mundo* e do que



nele acontece, enfim, qualquer dimensão de sentidos que se possa auferir a partir de uma expressão linguística.

Por sua vez, o sentido é um construto formado a partir de traços de significado e, por isso mesmo, é de natureza social e cultural. Ele é associado às estruturas linguísticas num processo de especialização que se dá apenas quando realmente estamos utilizando a língua. Assim, *atribuímos* sentidos a materiais linguísticos apenas quando usamos efetivamente a língua, construindo contextos em cenários possíveis. É óbvio que também, somos capazes de atribuir sentidos a materiais não-linguísticos, como a uma roupa ou um automóvel, mas isso já pertence a um campo dos estudos semióticos mais amplos.

Essa visão da atribuição de sentidos às palavras cria uma delimitação muito clara para os estudos da SCC: eles vão da expressão linguística construída ao seu uso efetivo em ambiente cultural. Ficam de fora a dimensão pré-linguística (neurológica) e as atribuições não linguísticas de sentido.

Isto explicado, retomemos o PES, anteriormente citado. Esse princípio implica que nenhum sinal linguístico tem sentido apriorístico, e retoma uma concepção muito clara de Ernest Tugendhat (2006, pp. 39-40) que afirma (vale lembrar que, quando o autor fala de “significado” está falando daquilo que a SCC chamaria de “sentido”):

Não existe uma coisa tal como o significado correto de uma palavra. É claro que quando se fala sobre “filosofia” se quer dizer o que corresponde à concepção preliminar comum. Não há nada sagrado nisso, no entanto, e cada um está livre para introduzir um outro significado, se for capaz de distingui-lo claramente do significado usual. É realmente absurdo polemizar sobre o significado correto de uma palavra.

Até mesmo Hjelmslev, que levou as ideias primordiais do Curso de Linguística Geral ao seu extremo, reconheceu que

Não existem significações reconhecíveis outras que não as significações contextuais. Toda grandeza, e por conseguinte todo signo, se define de modo relativo e não absoluto, isto é, unicamente pelo lugar que ocupa no contexto. Portanto, torna-se absurdo distinguir entre as significações puramente contextuais e as que poderiam existir fora de todo contexto. As significações ditas lexicais de certos signos são sempre apenas significações contextuais artificialmente isoladas ou parafraseadas. Considerado isoladamente, signo algum tem significação. Toda significação de signo nasce de um contexto. Quer entendamos por isso um contexto de situação ou um contexto explícito, o que vem a dar no mesmo; com



efeito, num texto ilimitado ou produtivo (uma língua viva, por exemplo), um contexto situacional pode sempre ser tornado explícito. É necessário, assim, abster-se de acreditar que um substantivo está mais carregado de sentido do que uma preposição, ou que uma palavra está mais carregada de significação do que um sufixo de derivação ou uma terminação flexional. (HJELMSLEV, 2003, p. 50)

Vale ressaltar que Tugendhat dá mais abertura para a consideração do contexto extralinguístico, o que é fácil de entender quando pensamos na ortodoxia de Hjelmslev. Mas, em ambas as citações, fica claro que nenhum elemento de natureza linguística significa por si mesmo, literalmente. E, em assim sendo, não havendo sentidos “literais”, pois os sentidos das palavras são associados a elas apenas em função do contexto e do cenário, é importantíssimo estabelecer os conceitos de:

- a. *sentido costumeiro*, qual seja, aquele que é mais comumente usado em associação com determinada palavra em um ambiente cultural específico e;
- b. *sentido especializado*, aquele que se diferencia dos usos costumeiros de uma palavra em determinado ambiente cultural.

Logo, os conceitos de *costumeiro* e *especializado* relacionados aos sentidos são válidos apenas quando considerado um ambiente de fala específico, uma comunidade de falantes específica, um *habitus* linguístico tomado como referência. E essa diferenciação relacionada aos ambientes de produção nos mostra que uma associação de sentido que é costumeira em determinado ambiente pode ser inusitada em outro e resulta que *o sentido costumeiro somente pode ser estatisticamente estabelecido e isso em função de uma comunidade de uso ou de uma condição de uso bem delimitadas* (uma mesma palavra pode ter mais de um sentido costumeiro em diferentes condições-padrão de uso, como, no exemplo, os sentidos da palavra “casa” imaginada em relação a um ateliê de costura e da mesma palavra em ambientes de construção civil).

Além dessas diferenciações, também é importante distinguir os sentidos (gerais, em aspecto amplo) dos sentidos individuais (chamados de sentido_i pela SCC), que podem ser construídos pelos falantes de forma muito pessoalizada e em função de suas vivências e leituras do mundo.

É por meio dessas duas dimensões do sentido, ambas associadas às palavras em uso, que os interlocutores conseguem utilizar uma língua natural como um sistema aberto de representações de suas visões de mundo (pois, na verdade, os falantes não representam com a linguagem o mundo em si, mas as formas como o veem pelos



prismas de sua cultura e de suas idiossincrasias) e, assim, concretizar o uso linguístico natural em todas as suas dimensões (representativa, cultural, social etc.), constituindo e sendo constituídos pela linguagem ao mesmo tempo.

Tais constatações também têm suas implicações metodológicas, senão vejamos:

a. ao fazer pesquisa com a SCC, o pesquisador não deve procurar relações diretas entre a estrutura linguística e o mundo “real”, até porque o próprio pesquisador é privado de uma visão objetiva do mundo, sendo ele mesmo levado a interpretá-lo segundo sua própria *visão de mundo*. É essencial que o pesquisador tente compreender a visão de mundo do falante-informante, pois é essa visão de mundo que está sendo representada pela linguagem e não o mundo em si. Isso demanda, quase sempre, uma interação bastante complexa entre o pesquisador e seu informante, de maneira que este seja capaz de elucidar para aquele como “enxerga” seu mundo, com base em quais valores e construtos culturais. E, nesse aspecto, é essencial que o pesquisador se desvista de quaisquer preconceitos ou interpretações etnocêntricas que o impeçam de “mergulhar” na visão do outro e perceber de que forma a cultura alheia constrói suas representações e as expressa na forma da linguagem;

b. o pesquisador tem que estar sempre atento aos dados de maneira a identificar se está tratando de usos costumeiros ou especializados e de usos gerais ou individuais. Essas possibilidades resultam em diferentes combinações de usos de sentidos que, se passarem despercebidos, podem comprometer as conclusões da pesquisa. Por exemplo, pode-se atribuir a um grupo um uso de sentido que, na verdade, é próprio apenas do informante da pesquisa (e que, portanto, seria um caso de sentido_i). Da mesma forma, o pesquisador pode concluir erroneamente que um uso *y* é um uso individual e atípico quando, na verdade, sua construção é costumeira do grupo mas não tinha, ainda, sido identificada;

c. as diferentes formas de atribuição de sentidos e da utilização dos recursos linguísticos e extralinguísticos à nossa disposição (como gestos, melodias e posturas, entre outros) definem *estilos* com propriedades muito peculiares que precisam ser



diferenciadas no âmbito da pesquisa. Entre outros, podemos citar aqui três especialmente interessantes:

1. pessoal ou impessoal;
2. apropriado ou inapropriado a determinado evento;
3. representativo de certos padrões culturais e/ou ideológicos de valor identitário.

Por meio de análise apurada, podemos verificar se uma construção corresponde à forma de falar de alguém em especial (traço estilístico de *pessoalidade*) ou se é uma forma de falar presente em toda a comunidade (traço estilístico de *impessoalidade*), se é apropriada ou inapropriada a determinado cenário de uso (traços estilísticos de *propriedade* ou de *impropriedade*) ou se é representativa de um valor sociocultural ou ideológico estigmatizado, marcador de identidade (traço estilístico de *identidade*). Todos esses traços estilísticos ajudam a definir os sentidos especializados que devem ser atribuídos aos sinais em uso.

d. finalmente, é mister que se ressalte que não é apenas com palavras e pelos seus sentidos costumeiros que atribuímos sentidos à construção linguística, mas por meio de um conjunto de elementos expressivos muito mais amplo e complexo que nos fornece pistas preciosas de que precisamos para identificar se a construção em questão tem um sentido *z* ou *w*. Assim, é importante ter uma visão mais completa e mais aprofundada do evento em que a construção foi utilizada e, se possível, informações sobre quem a produziu e por que o fez. Nem sempre isso é fácil – ou mesmo possível - de se conseguir, mas, sempre que é possível, deve ser feito, pois determina, em grande parte, o sucesso da análise e a compreensão mais profunda da atribuição de sentidos a uma determinada construção linguística.

Dessa forma, se por um lado é importante manter o dado linguístico em sua integridade como objeto de estudo “puramente da Linguística”, por outro é necessário haver meios de relacionar esse dado linguístico às demais informações advindas do evento, as que permitem sua interpretação e a atribuição especializada de sentidos. A construção de um corpus que permita esse tipo de análise se configura algo extremamente complexo. O conjunto de informações a ser levado em conta além das



informações puramente linguísticas é enorme e nem mesmo sua detecção é óbvia. Não temos notícia de que formas adequadas de rotulação e catalogação de corpus como esses tenham sido sugeridas. Há, portanto, um grande caminho a percorrer na construção de corpora adequados para estudos em Semântica de Contextos e Cenários, que têm sido feitos, em sua maioria, a partir de diários de campo com observação participativa dos pesquisadores junto aos informantes.

Há de se notar, em realizações linguísticas reais, que sempre ocorre uma relação *intercontextual* entre a estrutura montada agora e estruturas anteriores às quais nos reportamos de forma automática e, muitas vezes, não explícita. Por isso, compreender o que se diz agora, além de necessariamente levar em consideração o evento e o cenário que dele decorre, só é possível, muitas vezes, pela compreensão do que se disse anteriormente, e isso *ad infinitum*. Assim é que a compreensão de uma enunciação, muitas vezes, demanda recorrer a informações históricas, de outros contextos (e, portanto, de outros cenários), que definem o sentido daquilo que se está dizendo hoje.

Algumas dimensões da pesquisa em SCC são grandemente influenciadas pela necessidade de reconstrução histórica de informações que permitam a compreensão do que os enunciados atuais estão informando. Como tenho dito aqui, muitas vezes, essa recuperação - essa reconstrução - não é mais possível por falta de fontes de informação e o resultado daquilo que se reconstrói como sendo a atribuição dos sentidos especializados, daquilo que se “desejaria dizer” em uma dada enunciação, na verdade, é algo parcial ou, até, errôneo. A pesquisa em SCC demanda preocupação e esforço na direção da busca dessas informações históricas e, muitas vezes, culturais (culturais no sentido do conhecimento compartilhado por uma comunidade e de suas falas costumeiras). Desprezar isso é, muitas vezes, falsear os resultados da construção semântica de uma estrutura linguística.



5 O EVENTO E O ATO LINGUÍSTICO

A vida humana em sociedade se desenvolve em um *continuum* de atos que se sucedem, mas que também se superpõem, e que podem ser, para fins de estudo, isolados em *eventos*.

Assim, é preciso compreender que, quando qualquer interação comunicativa se desenvolve, mais do que ela em si mesma, ali está acontecendo “algo”, há um “acontecimento” maior e mais abrangente do que apenas a fala em si, permeado de valores, de aspectos sócio-históricos, que ocorrem entre pessoas, que estão em um lugar, que têm, cada uma delas, sua história e que refletem em si mesmas imagens pessoais (“fulano é assim”, “beltrano é assado” etc.) e papéis sociais (“fulano é médico”, “beltrano é policial”, “Maria é dona de casa”, “João é bandido” etc.) que interferem nas hierarquias e que influenciam grandemente na compreensão do que se diz. Essas pessoas se vestem de uma forma que pode ser simbolicamente compreendida, interagem em um ambiente que pode ter influência no conteúdo da comunicação (“por que João resolveu me contar isso dentro da igreja?”), estão fazendo algo de uma forma em especial que também interfere na forma como aquilo que é dito é compreendido (“por que ele disse isso enquanto estávamos comendo pizza?”). Elas podem estar segurando ou agindo em relação a objetos que podem interferir na forma de entender o que se diz (“por que ele estava segurando um punhal?”), podem fazer gestos dêiticos que apontem para elementos do ambiente de forma a interferir na comunicação, podem fazer relação a fatos passados ou ainda nem ocorridos, podem tomar outras pessoas como referência para o que se quer comunicar, enfim, há uma interação que supera, em muito, o ato linguístico em si e mesmo a relação entre as pessoas envolvidas, envolvendo o extrapessoal de forma decisiva. A língua, aquilo que se diz, é apenas um dos elementos desse complexo conjunto de coisas a se levar em consideração na hora de compreender o que se quer comunicar, embora, evidentemente, ela constitua um dos principais, senão o principal elemento comunicativo, em muitas situações. Esse conjunto extremamente complexo de elementos constitui o *evento* (que, como disse, é algo que somente pode ser artificialmente isolado no *continuum* de acontecimentos da vida humana, e isso para fins de estudo).



Parta fins de análise, o evento pode ser considerado a partir de três pontos-de-vista principais:

a. prototípico - são eventos-padrão, assim tomados culturalmente como possuindo um formato identificável e descritível em uma comunidade, como um julgamento judicial, uma festa de aniversário de criança, uma aula magna universitária, uma bronca de pai em filho, uma missa etc. Desse ponto-de-vista, os eventos podem ser mais ritualizados ou menos ritualizados e são vistos como prototípicos. Quanto mais ritualizado for um evento, mais se espera dele um desenvolvimento prototípico;

b. integrativo - o julgamento judicial de João das Farinhas, a festa de aniversário de Joãozinho, a bronca de João em seu filho José, a missa de “Sétimo Dia de Falecimento” de João etc. Desse ponto de vista, um evento é tomado em sua individualidade, mas ainda em seu todo e, em especial, por isso mesmo integra outros tantos eventos menores e pontuais que o constituem;

c. pontual - a fala da acusação, a fala da defesa, o silêncio do réu, o pronunciamento do juiz etc., no julgamento judicial de João das Farinhas. Nessa dimensão, consideramos o evento em seu aspecto microcosmológico, mas ainda como uma unidade, como um acontecimento dentro de um acontecimento maior e, a partir deste e em relação com os demais eventos correlatos, considerado e compreendido. Por exemplo, espera-se que a fala da acusação em um julgamento judicial, por mais específica que seja, siga os parâmetros ritualísticos definidos para esse tipo de evento. Uma fala que fuja desses padrões trará consequências para o evento como um todo, ao mesmo tempo em que deverá ser compreendida de uma forma bastante específica (por exemplo, se um advogado de defesa resolver, ao invés de defender seu cliente, começar, no tempo que lhe cabe em um julgamento judicial, a contar “piadas de papagaio”).

Com base no que sabe, em uma comunidade, a respeito dos elementos constituintes de cada evento como os concebemos socialmente, assim como a respeito dos elementos da cultura em que está inserida, cada pessoa envolvida em um acontecimento faz uma leitura contínua de cada um desses elementos e cria um cenário (vale lembrar que o cenário é uma construção mental que cada pessoa cria a partir de elementos extralinguísticos do evento) para, a partir dele, especializar o sentido dos elementos produzidos linguisticamente no evento, ou seja, das falas dos interlocutores. O



cenário se caracteriza pela compreensão que cada indivíduo tem de um evento e é a partir dele que criamos as expectativas que temos em relação ao que se vai fazer e ao que se vai dizer. Por isso, ao ver uma mãe ninando seu bebê de dois meses, não esperamos que ela grite com ele nem que ela o agrida fisicamente. Por outro lado, em uma briga de rua por um problema de trânsito, não se espera que alguém comece a cantar uma canção de ninar para seu oponente.

As expectativas que temos em relação aos que transcorrerá em um evento, incluindo a forma como a língua será construída (vocabulário, prosódia, complexidade sintática etc.) decorrem de nossa *leitura* do evento, isto é, do cenário que criamos de cada acontecimento da vida e que atualizamos constantemente no decorrer das ações. Isso é que torna possível que cada cultura crie prosódias prototípicas para as ilocuções e atitudes prototípicas para cada fala em um evento, pois os elementos considerados da “normalidade” daquela cultura são conhecidos, compartilhados e esperados pelos actantes.

Porém, para que um actante seja capaz de criar um cenário, para que ele possa fazer uma leitura do evento, é necessário que tenha um conjunto mínimo de informações que permitam compreender o que está acontecendo.

5.1 A importância do cenário na compreensão da língua

A partir do cenário os interlocutores são levados a compreender a fala de uma forma x, y ou z. Sem a possibilidade de construção de um cenário detalhado, os interlocutores recorrem automaticamente a sentidos costumeiros ou aproximativos da enunciação.

Isso é bastante importante, pois um mesmo evento pode ser lido na forma de diferentes cenários por diferentes interlocutores. Em outras palavras: um mesmo evento é, costumeiramente, lido e compreendido de formas diferentes por pessoas diferentes. Para que haja comunicação satisfatória entre os interlocutores, é necessário que, pelo menos, uma parte do cenário seja compartilhada. É evidente que isso pode ser mais complicado em interações interculturais e interétnicas. Porém, precisamos reconhecer que, em função das histórias pessoais e de outros elementos que determinam leituras



diferentes do evento, é praticamente impossível que os cenários gerados a partir de um mesmo evento sejam plenamente compartilhados, idênticos entre os interlocutores. Essa parece ser a mais comum razão para a ocorrência de incompreensões na comunicação.

Se pretendemos uma análise de amplitude cultural como a que a SCC propõem, as ilocuções e as atitudes (Mello e Raso, 2011) precisam ser compreendidas não como entidades linguísticas independentes do cenário, mas como entidades linguísticas dentro dele, evidentemente inter-relacionadas aos seus demais elementos constituintes. E, nessa direção, por mais passíveis que sejam de um estudo independente, a dimensão semântica de uma ilocução ou de uma atitude só se especializa em função do cenário em que essas entidades linguísticas estiverem inseridas.

Como construção mental maior, o cenário incorpora a *performance* linguística como um dos elementos significativos do ato comunicativo, o que inclui a *performance* prosódica. Mas, é no conjunto da leitura que é feita pelo falante que essa *performance* recebe sentido e é compreendida. Esta pode ser uma *performance* prototípica e esperada, dentro dos mais costumeiros padrões de normalidade da língua e da cultura, mas pode ser uma *performance* inusitada e aparentemente inadequada e, ainda assim, ser perfeitamente compreendida em função das informações oferecidas pelos demais elementos constituintes do cenário.

6 A ESPECIALIZAÇÃO DO SENTIDO PELO CENÁRIO

Quando o falante de uma língua natural, inserido em um evento, faz deste uma *leitura* para construir o cenário em que a fala será plenificada e terá seu sentido devidamente especializado, o que ele leva em conta? Cremos que o custo para se tentar uma resposta exaustiva sobre isso é enorme. Na prática da pesquisa com a SCC, tem sido mais produtivo, quando possível, em casos especiais ou duvidosos, pouco típicos, perguntar diretamente ao falante o que ele levou em conta para atribuir o sentido *s* e não o sentido *p* a determinado enunciado. Porém, isso parece avesso à ideia de construção de um corpus eletrônico “finalizado” de dados linguísticos e levanta uma outra questão importante: como vimos, os humanos são capazes de levar a efeito diferentes formas de leitura dos eventos como um todo, que permitem desenvolver processos inferenciais complexos que apontam os sentidos especializados de uma enunciação. Como desenvolver o mesmo tipo de procedimento em um computador para, por exemplo,



permitir uma comunicação mais complexa e natural (do ponto de vista humano) entre uma máquina e nós?

Isso porque os elementos que podem ser levados em consideração na construção do cenário podem ser demasiadamente variados e até insignificantes ou impalpáveis aos olhos do pesquisador. Por exemplo, problemas de relacionamento anteriores entre os interlocutores podem constituir um fator decisivo na definição do sentido do que se diz. Da mesma forma, imagens sociais construídas pelos falantes, uns dos outros e sobre si mesmos, também interferem diretamente nesse tipo de definição.

Mais do que isso, temos elementos de natureza fortuita que são decisivos na definição do sentido do que se diz, bastando, para isso, que sejam tomados como tendo função simbólico-significativa no evento e assumindo um papel semiótico. Por exemplo, o uso de uma roupa mais comum ou mais sensual por um dos interlocutores pode ser tomado como tendo sentido a ser considerado. O fato de um dos interlocutores portar coisas (estar com uma rosa ou com um revólver nas mãos na hora da conversa, por exemplo), pode ser tomado como significativo. Mudanças corporais recentes, como cortes de cabelo, deixar ou cortar a barba, pintar as unhas com uma ou outra cor, ter emagrecido ou estar com olheiras, pode ser tomado como algo merecedor de atenção e interferente no processo de especialização do sentido. Da mesma forma, elementos mais conhecidos e já estudados, como a questão postural, a dimensão cinésica e a proxêmica podem interferir decisivamente no processo.

De fato, a quantidade de elementos interferentes contidos no evento parece ser tão variada que demandaria esforço e tempo grandes demais para ser inseridos em um corpus, o que pode parecer pouco produtivo em função da quantidade de variáveis possíveis, para uma definição de todas as situações em que um enunciado x , com uma prosódia y , será produzido e receberá, do interlocutor, o sentido s e não o sentido p . Entretanto, compreendemos como essencial que se encontre, ao menos, um padrão mínimo e suficiente em relação à qualidade e à quantidade de informações necessárias em um corpus para que se permita analisar o processo de especialização de sentidos como descrito pela SCC.

Isso se dá pelo fato de que o linguístico (o contexto) somente se plenifica, somente se especializa, no extralinguístico (o cenário), como dito anteriormente, e o extralinguístico, como nossas pesquisas têm demonstrado, se sobrepõe decisivamente ao



linguístico (que é parte integrante do evento e é, desta forma, ou seja, em relação direta com o evento, compreendido pelos falantes), determinando a leitura que os interlocutores fazem da fala um do outro. Estudos linguísticos que desprezem essa influência determinante do extralinguístico sobre o linguístico estarão, na nossa forma de compreender o fenômeno, restritos à possibilidade de estudar apenas a dimensão prototípica da língua, em que tudo está “redondinho”, é previsível e ocorre dentro dos padrões costumeiros de normalidade, o que é muito pouco diante da diversidade de ocorrências de uma língua em uso real.

A construção de corpora que contemplem todas essas dimensões de análise, portanto, nos parece um desafio a vencer. Porém, não cremos ser possível estudar, em sua completude, as realizações de uma língua natural sem se recorrer a esses métodos, por mais complexos que sejam. Como já dissemos, isso fica bastante agravado quando se estudam interações linguísticas interétnicas e interculturais, como ocorre quando estudiosos de falar NURC-brasileiro estudam línguas indígenas ou interações na fronteira hispano-brasileira, por exemplo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como metodologia acurada e consolidada de estudo da língua em uso, a Linguística de Corpus já tem proporcionado a construção de corpora nos quais a dimensão pragmática dos atos de fala recebe grande importância. Inclusive, uma tentativa de enumeração de elementos cognitivo-pragmáticos interferentes na identificação das ilocuções tem sido levada a efeito em anos de estudo. Creamos, porém - e este foi o objetivo do presente artigo - que uma aproximação entre a Linguística e Corpus e a Semântica de Contextos e Cenários seria proveitosa para ambas as vertentes de estudo.

Para a Semântica de Contextos e Cenários, a metodologia de captação e análise digital de dados linguísticos, mas também de aspectos extralinguísticos em vídeo, permite uma precisão que, em muito, contribui para a compreensão dos elementos linguísticos e extralinguísticos envolvidos no processo de especialização dos sentidos em usos reais da língua. A criação de corpora eletrônicos que permitissem uma análise de elementos do evento interferentes na construção dos cenários, a definição dos elementos mais significativos nesse processo e a criação de meios que permitissem o acesso rápido



e independente dos interlocutores a essas informações seria um ganho metodológico estupendo para a SCC. É exatamente esse o foco principal de uma semântica cultural - a língua em seu estado vivo e usual, considerada no processo comunicativo em sua integralidade.

Para a Linguística do Corpus, levar em conta a noção de evento e de cenário no *continuum* comunicativo da vida humana poderia enriquecer sobretudo o entendimento sobre o processo de especialização de sentidos, aprimorar a catalogação dos dados linguísticos destinados a estudos de natureza semântico-cultural e facilitar a compreensão dos fenômenos em atipicidade. Cremos que a construção de corpora que atendam a essa amplitude de aspectos é um grande desafio a ser encarado.

Cremos, portanto, que essas duas vertentes de estudo em estado confluyente seriam ideais para o estudo das interações linguísticas interétnicas e interculturais tão comuns no ambiente amazônico. No contato linguístico fronteiriço e no contato com comunidades típicas, incluídas aí as comunidades indígenas, o rigor metodológico e o aprimoramento das técnicas de uso de ferramentas digitais de pesquisa é, ainda um estágio a ser conquistado. Enquanto isso, carecemos de uma maior elucidação dos elementos interferentes na construção dos sentidos além dos elementos meramente linguísticos ou de uma lista limitada de aspectos cognitivo-pragmáticos que se pretenda exaustiva diante da amplitude das situações de comunicação a que são submetidos cotidianamente os seres humanos nessas condições comunicativas.

REFERÊNCIAS

ANDERSEN, Francis I. & FORBES, A. Dean (1987), **The Vocabulary of the Pentateuch**. In.: PARUNAK, H.V.D., *Computer Tools for Ancient Texts: Proceedings of the 1980 Ann Arbor Symposium on Biblical Studies and the Computer*. Winona Lake, IN: Eisenbrauns, pp. 231–267.

CRESTI, E. (2000). **Corpus di Italiano parlato**. Firenze: Accademia della Crusca.

CRESTI, E. (2003). **Enunciato e frase: teoria e verifiche empiriche**. *Corpus*, n. 1988.

CRESTI, E. (2011). **The definition of focus in Language into Act Theory (LACT)**. In: MELLO, H.; PANUNZI, A.; RASO, T. (Eds.). *Pragmatics and Prosody: Illocution Modality, Attitude, Information Patterning and Speech Annotation*. Firenze: Firenze University Press.



CRESTI, E.; GRAMIGNI, P. (2003). **Per una linguistica corpus based dell'Italiano parlato: le unità di riferimento**. Proceedings of "Il parlato italiano". Napoli, 13-15 febbraio.

FERRAREZI Jr., Celso (2010). **Introdução à Semântica de Contextos e Cenários: de la langue à la vie**. Campinas: Mercado de Letras.

HJELMSLEV, Louis. **Prolegômenos a Uma Teoria da Linguagem**. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.

MELLO, H. (2014). **Methodological issues for spontaneous speech corpora compilation: The case of C-ORAL-BRASIL**. In: RASO, T.; MELLO, H. (Eds.) (2014). Spoken corpora and linguistic studies. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, p. 27–68.

MELLO, H., PANUNZI, A.& RASO, T. (2011). **Pragmatics and Prosody: Illocution, Modality, Attitude, Information Patterning and Speech Annotation**. Firenze: Firenze University Press.

MELLO, H. & RASO, T. (eds.) (2014). **Spoken Corpora and Linguistica Studies**. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Pub.

MELLO, H. & RASO, T. (orgs.) (2012). **C-ORAL BRASIL I - Corpus de referência do português brasileiro falado informal**. Belo Horizonte: Editora da UFMG.

MELLO, H. & RASO, T. (2011). **Illocution, modality, attitude: different names for different categories** In: MELLO, H.; PANUNZI, A.; RASO, T. (Eds.). Pragmatics and Prosody: Illocution, Modality, Attitude, Information Patterning and Speech Annotation. Firenze: Firenze University Press, p. 1–18.

MELLO, H. & RASO, T. (2009). Para a transcrição da fala espontânea: o caso do C-ORAL-BRASIL. **Revista Portuguesa de Humanidades**. v. 13.1, n. Estudos Linguísticos, p. 153–178.

MONEGLIA, Massimo (2011). **Spoken corpora and Pragmatics**, In.: *RBLA*. Belo Horizonte, v. 11, n. 2, p. 479-519.

MORAES, J. A. (2011). **From a prosodic point of view: remarks on attitudinal meaning**. In: MELLO, H., PANUNZI, A.& RASO, T. (Eds.). Pragmatics and Prosody: Illocution, Modality, Attitude, Information, Patterning and Speech Annotation. Firenze: Firenze University Press.

MORAES, J. A. (2012). **Illocution and intonation** (H. Mello, M. Pettorino, T. Raso, Eds.) Proc. of the GSCP 2012 Workshop. Firenze: Firenze University Press.

MORAES, J. A. & RILLIARD, A. (2014). **Illocution, attitudes and prosody**. In.: RASO, T. e MELLO, H. (eds.) Spoken Corpora and Linguistica Studies. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Pub.



RASO, T.; MITTMANN, M. (2013). “Entrevista de Emanuela Cresti e Massimo Moneglia”. **Domínios de Lingu@gem**, v. 7, n. 2, p. 383–410.

RASO, T.; MITTMANN, M. M. As principais medidas da fala. In: RASO, T.; MELLO, H. (Eds.) (2012). **C-ORAL-BRASIL I: Corpus de referência do português brasileiro falado informal**. 1. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, p. 177–221.

RASO, T.; ROCHA, B. (2015). **Como a categoria de atitude condiciona a metodologia para o estudo de ilocuções**. *Diadorim*, v. 17, n. 2.

RENOUF, Antoinette (2006) “**Corpus Linguistics: past and present**”. In. DRAFT. Disponível em: http://rdues.bcu.ac.uk/publ/Past_and_Present.pdf. Acesso em 15.12.2016.

ROCHA, Bruno N. R de M. (2016). **Uma Metodologia Empírica para a identificação e descrição de ilocuções e a sua aplicação para o estudo da ordem em PB e italiano**. Belo Horizonte: UFMG (Tese de Doutorado).

SANKOFF, D. & SANKOFF, G. (1973). Sample survey methods and computer-assisted analysis in the study of grammatical variation. In.: DARNELL R. (ed.) **Canadian Languages in their Social Context**. Edmonton: Linguistic Research Incorporated. pp. 7–64.

SARDINHA, T. Berber. (2000) **Linguística de Corpus: histórico e problemática**”. In.: D.E.L.T.A.: 16, nº 02, 323-367.

TUGENDHAT, E. (2006). **Lições Introdutórias à Filosofia Analítica da Linguagem**. Ijuí, RS: Editora Unijuí.